

Eis a questão — a quem proteger, o homem ou o jacaré?

Herbert Levy *

Encontro, após ausência de muitos anos do Amazonas, um governador, Gilberto Mestrinho, que era elemento controvertido após o seu primeiro mandato, intelramente reabilitado e prestigiado pela opinião pública depois do seu segundo e, sobretudo agora, no seu terceiro mandato de governador. É que ele tem assumido posições corajosas em face das pressões internacionais que pretendem defender a Amazônia à custa dos interesses da sua população.



Em viagem de proselitismo político-partidário — pois estou pretendendo usar minha credibilidade para unir a maioria da gente boa do País — participei de encontros com a liderança comercial de todo o Brasil que se reuniu em Manaus, por iniciativa de José Roberto Tadros, acatado presidente da Federação do Comércio do Amazonas. Foi-me dado sentir, no meio de pessoas de responsabilidade e criteriosas, o quanto o problema da ecologia do Amazonas está sendo desvirtuado, em detrimento de interesses respeitáveis da sua gente e, especialmente, de suas classes produtoras.

O absurdo começa com a reserva indiana. Em entrevista à revista Time, o governador Mestrinho denuncia o fato "de que os apoladores dos Ianomamis querem criar uma reserva contínua totalizando 9,4 milhões de hectares. Mas há apenas 3.600 Ianomamis; portanto, isso significa 2.611 hectares para cada Ianomami. Isso é absurdo".

A Time registra que muitos antropologistas afirmam que há entre 9 mil e 10 mil Ianomami. Mas isso deve ser somando todas as famílias. "Partindo para as outras tribos todas, o Brasil reserva 900 hectares por índio", diz o governador Mestrinho. "Mostrem-me um outro país que faça isso."

Realmente, as famílias de sem-terra que têm sido fixadas em território amarrônico recebem um lote de 100 hectares e, às vezes, menos. O bom entendimento que ocorreu entre o chanceler da Alemanha, Helmut Kohl, e o governador Gilberto Mestrinho parece indicar que o chefe de Estado alemão reconheceu que a justa e objetiva é a po-

sição do líder amazonense, e irá trabalhar para que a Eco-92, no Rio de Janeiro, transcorra num ambiente de compreensão e realismo, neutralizando-se os ecologistas histéricos que são, muitas vezes, simplesmente demagogos.

Mestrinho não tem cerimônia. Ele disse ao príncipe Charles, herdeiro do trono da Inglaterra — por que no seu país há temporadas anuais de caça e ele próprio usa o seu rifle e não querem que o Brasil faça o mesmo? As temporadas de caça existem em todos os países civilizados. Ouvi homens de responsabilidade indignados com o que se passa com o jacaré, cuja caça é estritamente proibida. Já existe uma superpopulação de jacarés com inconvenientes cada vez mais sérios, pois não é incomum os ribeirinhos sofrerem ferimentos, até graves, por ataques dos jacarés, sobretudo os jacarés gigantes, que se reproduzem livremente e que chegam a comer até 10 quilos de peixe por dia!

Na média, os jacarés consomem de 4 a 6 quilos de peixe por dia! Assim, o crescimento incontido da população está tornando cada vez mais difícil a vida dos ribeirinhos, que sofrem uma concorrência desigual por parte dos jacarés na conquista do pescado.

Mestrinho aponta para o fato de que em todos os países do mundo há temporadas de caça de tudo e que a exploração de toras, nos Estados Unidos, no Canadá e na Austrália, se faz com intensidade que chega a ameaçar suas reservas, coisa que não sucederia na Amazônia. Desde a chegada dos europeus, diz ele, há quinhentos anos, o desflorestamento no Estado do Amazonas atingiu 1,24% da área florestada, o que demonstra o irrealismo e a histeria dos ecologistas.

Voltando à necessidade de controle da população de jacarés — não de arrasar com essa população —, lembra que mesmo na Flórida e na Louisiana, com quantidade incomparavelmente inferior de jacarés, existem as temporadas de caça, sem que ninguém se lembre de acusá-los de destruição ecológica.

Tudo considerado, os amazonenses e seus líderes, com Gilberto Mestrinho à frente, têm carradas de razão quando pedem um tratamento menos histérico e mais realístico do problema ecológico na Amazônia.